



DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS

MEGALITISMO, VIDA E MORTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR

EDITORES CIENTÍFICOS

JOÃO CARLOS DE SENNA-MARTINEZ

MARIANA DINIZ

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

LAPA DO LOBO (NELAS), 2018



DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS

MEGALITISMO, VIDA E MORTE NA FACHADA ATLÂNTICA PENINSULAR

DE GIBRALTAR AOS PIRENÉUS

Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular

Editores Científicos

João Carlos de Senna-Martinez (Uniarq/FLUL)

Mariana Diniz (Uniarq/FLUL)

António Faustino de Carvalho (CEAACP/U. Algarve)

Edição

Fundação Lapa do Lobo

Design Gráfico: Maria Tavares de Almeida

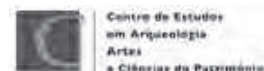
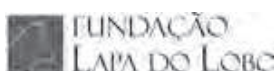
Impressão gráfica: Grafinelas

Tiragem: 120 exemplares

Depósito Legal: 447242/18

ISBN: 978-989-98163-5-0

Ano: 2018



ÍNDICE

Prefácio	11
Apresentação	15
Comissões	19
Ana Cristina Martins	21
<i>Megalitismo e discursos identitários: textos, contextos e pretextos</i>	
Pedro Sobral de Carvalho e António Faustino Carvalho	37
<i>Para uma recuperação do megalitismo de Lafões. O concelho de Vouzela (Distrito de Viseu) enquanto case-study</i>	
José Manuel Quintã Ventura	51
<i>Núcleo Megalítico dos Fiais-Azenha (Carregal dos Sal): um balanço</i>	
Rita Peyroteo Stjerna, Ana Cristina Araújo e Mariana Diniz	65
<i>The dead at Escoural Cave (Montemor-o-Novo, Portugal): early farmer’s interactions in south-western Iberian Peninsula</i>	
Ramón Fábregas Valcarce, Carlos Rodríguez-Rellán, Julián Bustelo Abuín e Víctor Barbeito Pose	85
<i>Building up the land: a new appraisal to the megalithic phenomenon in the Barbanza peninsula (Galicia, NW Spain)</i>	
Juan Carlos Castro Carrera	99
<i>Actuaciones de excavación y rehabilitación en los conjuntos de túmulos funerarios de Chan de Castiñeiras y Chan de Armada, península del Morrazo, Galicia</i>	
Fábio Soares	123
<i>A invulgar localização de uma estrutura em negativo na Mamoia de Eireira (Afiife, Viana do Castelo)</i>	

Pablo Arias Cabal e Miriam Cubas	133
<i>Muerte y ritual en el Neolítico del noroeste: El megalitismo y otras manifestaciones del comportamiento funerario de las sociedades de los milenios V y IV a.C. en el cuadrante noroccidental de la península ibérica</i>	
Elsa Luís e Telma Ribeiro	155
<i>As comunidades neocalcolíticas de Trás-os-Montes: pensar a sua tradição cerâmica numa perspectiva de perenidade</i>	
João Carlos Senna-Martinez	167
<i>A shrine in the Neolithic? Orca da Lapa do Lobo, Nelas (c.5000-3000 BC)</i>	
João Carlos Senna-Martinez e Margarida M. Carvalho	183
<i>Ideotechnical representations in the Megalithism of Mondego's Platform: The stelae of Orca da Lapa do Lobo</i>	
António Faustino Carvalho	201
<i>Anta da Lapa da Meruje (Vouzela, Viseu): resultados preliminares dos trabalhos em curso</i>	
António Faustino Carvalho, Telmo Pereira, Juan Francisco Gibaja	217
<i>Proveniências e utilização do sílex no Megalitismo de Lafões (Viseu, Portugal). Primeira abordagem a partir dos conjuntos dos dólmenes da Lapa da Meruje e de Antelas</i>	
Nelson J. Almeida, Luiz Oosterbeek, Chris Scarre, Cristiana Ferreira, João Belo e Luís Costa	233
<i>Dawn of the dead: funerary behavior in the Middle Tagus Neolithic</i>	
Telmo Pereira, Sandra Assis, Patrícia Monteiro, Eduardo Paixão, Sofia Bárbara, David Nora, Vânia Carvalho e Trenton Holliday	247
<i>Abrigo da Buraca da Moira: contributos para o conhecimento da ocupação humana do Neolítico final/Calcolítico na região de Leiria, Portugal</i>	
Leonor Rocha, Gertrudes Branco, António Monteiro e Fernando Silva ...	263
<i>Estudo do espólio arqueológico da Anta da Casa da Moura (Soure, Portugal)</i>	
João Carlos de Senna-Martinez	277
<i>Parasitic frequentation or cultural continuity? The re-use of megalithic monuments in the Ancient/Middle Bronze Age of the Mondego's Platform</i>	

Mariana Dniz	303
<i>The origins of Megalitism in Western Iberia: resilient signs of a symbolic revolution?</i>	
César Neves e Mariana Diniz	321
<i>À procura da Terra dos Vivos: os lugares de povoamento das primeiras fases do Megalitismo funerário no Centro e Sul de Portugal</i>	
Leonor Rocha e Pedro Alvim	341
<i>O menir do Cabeço da Areia (Brotas, Mora)</i>	
Marco António Andrade, Rui Mataloto e André Pereira	353
<i>Territórios de fronteira: o Megalitismo nas abas da Serra d'Ossa (Estremoz-Redondo, Alto Alentejo, Portugal)</i>	
Filipa Rodrigues	393
<i>Muitas antas e muita gente! As relações entre os recintos de fossos e os monumentos megalíticos no Alentejo Central</i>	
Maria João Neves e Ana Maria Silva	411
<i>Uma análise arqueotanatólógica em três hipogeus: os contributos dos sítios de Monte Canelas I (Portimão) e do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo) para a compreensão das práticas funerárias nos 4º e 3º milénio a.C. no Sul de Portugal</i>	
Pedro Sobral de Carvalho e Lara Bacelar Alves	431
<i>A Necrópole da Lobagueira, Viseu: expressões de arte e arquitetura do megalitismo da Beira Alta, Centro de Portugal</i>	
Sérgio Monteiro Rodrigues e César Oliveira	453
<i>A Anta dos Currais do Galhordas (Castelo de Vide, Alto Alentejo, Portugal): análise química de resíduos orgânicos identificados em recipientes cerâmicos</i>	
Yolanda Costela Muñoz, Vicente Castañeda, Iván García e Fernando Prado	481
<i>La necrópolis de cuevas artificiales de Los Algarbes (Tarifa, Cádiz). Un ejemplo de la permanencia temporal de las construcciones megalíticas</i>	
María Lazarich, Antonio Ramos-Gil, Mercedes Versaci, María Narváez Cabeza de Vaca	501
<i>La necrópolis megalítica del Tajo de las Figuras (Benalup-Casas Viejas, Cádiz)</i>	

José Antonio Linares Catela	519
<i>Megalitismos del área de Huelva. Investigación y puesta en valor</i>	
Estefanía Carrillo Vázquez	539
<i>Bases para el estudio de los rituales de comensalidad en las sepulturas megalíticas de la Península Ibérica</i>	
António Ramos Gil	549
<i>¿Yarda megalítica o vara megalítica?</i>	
María Narvárez Cabeza de Vaca Periñan	565
<i>Aportación al estudio de los cilindros decorados de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica. Los hallazgos en megalitos</i>	

PREFÁCIO

A Fundação Lapa do Lobo é uma entidade privada, sem fins lucrativos, com objetivos culturais e educativos. A área de abrangência geográfica da sua atuação é fundamentalmente os concelhos de Nelas e Carregal do Sal, envolvendo-se pontualmente em alguns projetos de âmbito mais alargado.

Nasce da vontade de uma família com fortes ligações à aldeia da Lapa do Lobo que decidiu, numa determinada fase da sua vida e com os seus próprios recursos, desenvolver um projeto local de serviço à comunidade que pudesse ajudar a desenvolver o pensamento cultural das pessoas. Criada em 2007, inicia a sua ação na preservação do património arquitetónico civil da aldeia e nos apoios a estudantes dos dois concelhos. A reação da comunidade e dos agentes locais aos projetos e atividades que vai desenvolvendo progressivamente origina uma dinâmica crescente que leva à inauguração da sua sede, em 9 de outubro de 2010, e passados 5 anos à ampliação das suas instalações. A 3 de abril de 2017 recebe a visita do Senhor Presidente da República de Portugal que a definiu como “um bom exemplo da forma como os cidadãos também podem ter um papel importantíssimo no desenvolvimento do nosso país”. Cultura e educação em sentido lato são sem dúvida os grandes pilares da atuação da Fundação Lapa do Lobo. A Biblioteca, o Serviço Educativo, os Cursos e Ateliers de artes e ofícios, as Exposições e a Programação Cultural variada (cinema, teatro, música, debates, conferências, etc.) são os instrumentos de trabalho que privilegiamos.

Como não poderia deixar de ser, a Fundação tem vindo a acompanhar e a apoiar desde o primeiro momento, em conjunto com a Câmara Municipal de Nelas, Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim e Juntas de Freguesia de Canas de Senhorim e de Lapa do Lobo, as campanhas de escavações no sítio arqueológico da Orca da Lapa do Lobo (Concelho de Nelas, Distrito de Viseu). Intervenção esta realizada no âmbito do Projeto NeoMega dirigido pelo Prof. Doutor João Carlos de Senna-Martinez (Uniarq), também director da escavação, com colaboração da Mestre Telma Ribeiro e da Dr.ª Margarida Carvalho,

e com a participação de alunos de Mestrado em Arqueologia das Universidades de Lisboa e Coimbra e da Licenciatura em Arqueologia das Universidades de Lisboa e Évora.

A divulgação dos resultados obtidos nas quatro campanhas já efetuadas (2015-2018) no sítio da Orca da Lapa do Lobo à comunidade científica, na própria aldeia da Lapa do Lobo, cenário real dessa “História”, é um motivo de enorme orgulho para a Fundação Lapa do Lobo que abre assim as suas portas para a realização do Congresso “De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular”, nestes dias 2, 3 e 4 de Novembro de 2018.

Aquilo que somos hoje deve-se sempre, em parte, àquilo que fomos ontem. Só conhecendo a fundo de onde vimos poderemos perceber o que somos e decidir para onde vamos.

A todos os que participam neste Congresso, bem como a todos os que em conjunto conosco tornaram possível a sua realização na Fundação Lapa do Lobo um grande bem-haja.

Maria do Carmo Batalha
Vice-presidente da Fundação Lapa do Lobo

APRESENTAÇÃO

O livro que agora se apresenta De Gibraltar aos Pirenéus: Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular é o resultado de um Congresso que decorreu em Nelas e Carregal do Sal, realizado em parceria com a Fundação Lapa do Lobo, nos dias 2, 3 e 4 de Novembro de 2018. Era objectivo nuclear deste Congresso discutir no espaço da fachada atlântica da Península Ibérica, de Gibraltar aos Pirenéus, o Megalitismo como fenómeno amplo do espaço europeu que encontra neste território da Beira Alta um dos seus núcleos mais pujantes e com uma mais longa história de investigação. Entender o Megalitismo significa, para além da atenção ao regional e ao local, cruzar territórios, analisar num tempo longo e num espaço amplo as arquitecturas, os rituais, as paisagens onde se cruzam vivos e mortos e onde se materializam as cosmogonias das antigas sociedades agro-pastoris. A reconstituição de redes de circulação de matérias-primas e de artefactos mas também de pessoas e de símbolos, de curta mas também de média e longa distância é nos quadros da presente investigação fundamental para explicar um fenómeno que combina elementos de grande dispersão com materialidades específicas de um Tempo e de um Espaço.

À chamada, numa demonstração clara das presentes dinâmicas da investigação arqueológica, responderam investigadores de toda a fachada atlântica da Península Ibérica, da Universidade de Cádiz à Universidade da Cantábria, passando pela Universidade de Huelva, do Algarve, de Évora, de Lisboa, de Coimbra, do Porto, do Minho e de Santiago de Compostela e Valladolid, investigadores provenientes do sector empresarial, da administração pública e de museus.

Os capítulos deste livro reflectem a diversidade de tópicos de debate e de metodologias de análise que hoje definem os trabalhos sobre Megalitismo. O estudo de monumentos específicos, o Megalitismo de áreas regionais, a Arqueotematologia e as práticas funerárias, o significados dos símbolos e a construção das paisagens significativas, a historiografia, as sínteses e os modelos explicativos e ainda aspectos de gestão e valorização do património arqueológico são algumas das temáticas fundamen

tais desta obra, discutidas naqueles dias de Novembro.

Esta apresentação breve não estaria concluída sem um agradecimento às Câmaras Municipais de Nelas e Carregal do Sal pelo apoio concedido a esta iniciativa e à Fundação da Lapa do Lobo, inexcusável anfitriã destes trabalhos. Um agradecimento particular é devido à Eng.^a Maria do Carmo Batalha, cuja inesgotável energia foi fundamental ao longo de toda a organização deste Congresso e das publicações que lhe estão associadas e à Designer Maria Tavares de Almeida que as levou a bom termo.

João Carlos de Senna-Martinez

Mariana Diniz

António Faustino de Carvalho

O MENIR DO CABEÇO DA AREIA (BROTAS, MORA)

EL MENHIR DEL CABEÇO DA AREIA (BROTAS, MORA)

ROCHA, L., Universidade de Évora/ Escola de Ciências Sociais. Investigadora do CEAACP/
Universidades de Coimbra e do Algarve
lrocha@uevora.pt

ALVIM, P., (1975-2015)

RESUMO

A escavação do menir do Cabeço da Areia (Brotas, Mora) enquadrou-se no âmbito de dois projetos de investigação coordenados pelos signatários, “Megalitismo Funerário Alentejano - MFA”, dirigido por Leonor Rocha e, “Conjunto Megalítico da Ribeira da Laje: contexto geográfico e arqueológico”, dirigido por Pedro Alvim.

O principal objetivo desta intervenção foi o de tentar obter novos dados arqueológicos para a compreensão da génese e evolução dos contextos megalíticos pré-históricos, neste concelho, em particular, e no Alentejo, em geral. Para além disso, consideramos que os menires tombados e as sepulturas de pequenas dimensões são monumentos dispostos a afeições irreversíveis pelo que, ações de recuperação arqueológica e arquitetónica, onde se incluem ações de divulgação entre as comunidades locais, são extremamente importantes, se queremos salvaguardar este tipo de património tão sensível.

Em termos globais, os resultados desta intervenção não forneceram dados crono-culturais significativos devido, por um lado, à típica escassez de espólio deste tipo de monumentos: os materiais recolhidos são poucos e incaracterísticos, não permitindo uma aferição cronológica satisfatória e, por outro, a total ausência de matéria orgânica suscetível de ser datada. No entanto foi possível comprovar que a estrutura de sustentação do menir se encontrava parcialmente preservada (como se supunha antes da intervenção) e proceder à sua recuperação.

PALAVRAS-CHAVE: Menires, Alentejo, Mora, Portugal

RESUMEN

La excavación del menhir Cabeço da Areia (Brotas, Mora) era parte del

marco de dos proyectos de investigación coordinados por los firmantes, “Megalitismo Funerário Alentejano - MFA”, de Leonor Rocha y “Conjunto Megalítico da Ribeira da Laje: contexto geográfico e arqueológico”, de Pedro Alvim.

El principal objetivo de esta intervención fue el de intentar obtener nuevos datos arqueológicos para la comprensión de la génesis y evolución de los contextos megalíticos prehistóricos, en este municipio, en particular, y en el Alentejo, en general. Además, consideramos que los menires tumbados y las sepulturas de pequeñas dimensiones son monumentos dispuestos a afecciones irreversibles por lo que, acciones de recuperación arqueológica y arquitectónica, donde se incluyen acciones de divulgación entre las comunidades locales, son extremadamente importantes, si queremos salvaguardar este tipo de patrimonio tan sensible.

En términos globales, los resultados de esta intervención no proporcionaron datos crono-culturales significativos debido, por una parte, a la típica escasez de botín de este tipo de monumentos: los materiales recogidos son pocos e inquebáticos, no permitiendo una verificación cronológica satisfactoria y, por otra, la total ausencia de materia orgánica susceptible de ser fechada. Sin embargo, fue posible comprobar que la estructura de sustentación del menir se encontraba parcialmente preservada (como se suponía antes de la intervención) y proceder a su recuperación.

PALABRAS CLAVE: Menhires, Alentejo, Mora, Portugal

1. INTRODUÇÃO

No âmbito de anteriores projectos de investigação foram realizadas algumas intervenções em monumentos megalíticos não funerários do concelho de Mora (Cromeleque das Fontainhas e Cromeleque de Vale d’el Rei) no qual participaram os signatários, quer como co-responsáveis (LR) quer como arqueólogos de campo (PA).

A escavação do menir do Cabeço da Areia, em 2011, foi inserida em dois projectos de investigação em curso, um sobre o megalitismo funerário, dirigido por Leonor Rocha e o outro, vocacionado para o megalitismo não funerário, dirigido por Pedro Alvim, e tinha por objetivo a compreensão do megalitismo alentejano, na sua globalidade; interessava-nos estabelecer moldes de comparação e caracterização entre monumentos e respectivas tipologias que, pelas suas características arqueológicas, tendem a disponibilizar escassos dados crono-culturais.

Para além disso, consideramos que menires tumbados e sepulturas de menores dimensões são monumentos dispostos a afectações irreversíveis pelo que acções de recuperação arqueológica e arquitectónica,



Figura 1. Enquadramento megalítico do menir do Cabeço da Areia

onde se incluem acções de divulgação entre as comunidades locais, são extremamente importantes para a sua salvaguarda e fruição por toda a comunidade.

É entendimento dos signatários que o estudo arqueológico não deve ser estanque, fechado em torno de limites rígidos e que a cooperação entre projectos especializados, dirigidos por diferentes investigadores, que visam investigar as mesmas realidades arqueológicas é uma prática profícua, uma vez que aporta benefícios aos próprios investigadores, e ao conhecimento, em geral.

2. OBJECTIVOS

O objectivo desta intervenção era, antes de mais, tentar obter dados arqueológicos para a compreensão da génese e evolução dos contextos megalíticos pré-históricos, neste concelho em particular e no Alentejo em geral.

Como objectivo secundário, tendo em conta que a suposta base do menir

se encontrava ainda cravada no solo e com a suspeita de que o alvéolo e a sua coroa de sustentação pudessem estar parcialmente preservados, pretendia-se reabilitar o monumento de forma a protegê-lo de agressões devidas a trabalhos agrícolas, do tipo que se tem verificado em diversos monumentos megalíticos da região.

De salientar que este menir se localiza numa área com elevado potencial científico devido à existência de menires isolados e em grupo (foi identificado um conjunto de menires na área, no decurso dos trabalhos realizados em 2011) e de monumentos funerários com uma grande variedade em termos de dimensões e tipologia arquitectónica (Alvim e Rocha, 2011) (Fig.1).

Pretendia-se, também, abrir uma sondagem alargada para prospectar eventuais estruturas negativas na envolvente do monólito e recuperar espólio que pudesse informar o monumento crono-culturalmente; contudo, a dureza das terras, constatada no início da escavação, impediu este objectivo, tendo em conta a equipa era reduzida e o tempo disponível para efectuar os trabalhos, pouco alargado.

3. ENQUADRAMENTO DA INTERVENÇÃO

O menir do Cabeço da Areia situa-se na Herdade das Águias, sendo o acesso efectuado por caminho rural, de terra batida, a partir da Torre das Águias e foi identificado pelo filho do proprietário da Herdade, Eng. Joaquim Fernandes, que o deu a conhecer a um dos signatários (LR), em 2005.

Administrativamente, pertence à freguesia de Brotas, concelho de Mora, distrito de Évora, e tem as seguintes coordenadas Hayford-Gauss Datum Lisboa (GPS) M= 201905; P = 210397 (Carta Militar de Portugal, escala 1:25,000, folha 409).

O menir localiza-se numa mancha restrita, classificada como “Complexo Greso-Argiloso e Conglomerático dos Planaltos” na bacia sedimentar do Tejo, a poucas centenas de metros do limite Ocidental do maciço Hespérico (Zbyszewski e Carvalhosa, 1980).

Esta cobertura pedológica é característica e reconhecida pelos trabalhos rurais da área como tendo um período de sazão muito curto, transformando-se rapidamente em lama sob pluviosidade e extremamente compacta logo após, razão pela qual se encontravam tão endurecidas durante os trabalhos arqueológicos.

O monólito de granito encontrava-se tombado, aparentemente *in situ*, no início de uma vertente suave, virada a Nordeste (Fig.2).



Figura 2. Menir do Cabeço da Areia antes da intervenção arqueológica

O terreno é actualmente utilizado para pastoreio de gado bovino.

4. ESTRATÉGIAS E METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

Os primeiros trabalhos realizados consistiram no levantamento topográfico da área do monumento (realizado pelos signatários), num raio de cerca de 50 metros e, posteriormente, a implantação da quadrícula de escavação em torno do monumento (Fig.3).

Em termos altimétricos e planimétricos, não foi possível coordenar a escavação em relação à rede geodésica nacional devido à existência de abundante vegetação arbórea (*Quercus* e *Pinus*) que, mais uma vez, impossibilitaram a visibilidade para os vértices geodésicos existentes na área envolvente.

No início dos trabalhos de campo, a quadrícula, definindo um quadrado de 2m x 2m, foi

orientada segundo os pontos cardeais magnéticos (X = Este-Oeste; Y = Sul-Norte). Posteriormente a orientação da quadrícula foi relacionada com o Norte Cartográfico (assinalado nas plantas) com recurso à sobreposição do levantamento à cartografia à escala 1/10.000; em termos altimétricos foi estabelecido um ponto zero, convencional, na origem dos

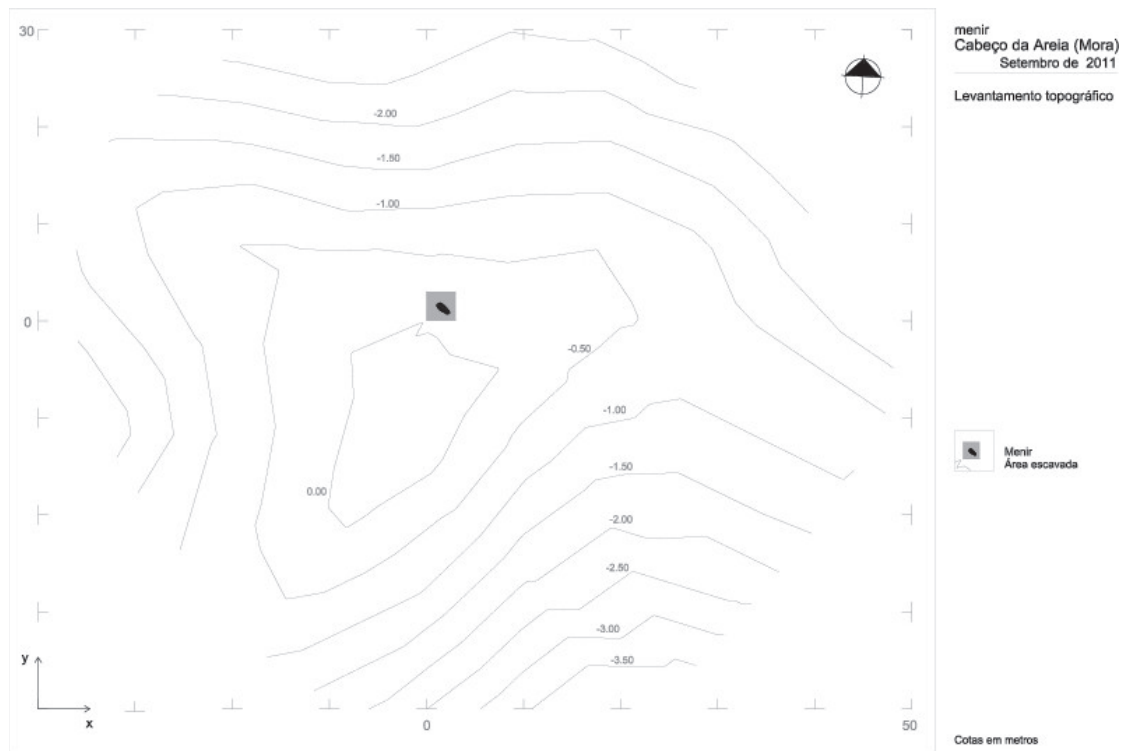


Figura 3. Levantamento topográfico do Menir com indicação da quadrícula



Figura 4. Aspeto da [0]

eixos x e y.

Os trabalhos arqueológicos de escavação e registo seguiram, sempre que possível, os pressupostos metodológicos propostos por Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991), onde se preconiza a remoção dos depósitos por níveis naturais, seguindo a sequência oposta à sua formação, com registo gráfico e fotográfico de todas as unidades identificadas, bem como o registo de artefactos de acordo com as unidades estratigráficas que os contêm. Os sedimentos removidos foram integralmente crivados.

5. CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS OBSERVADOS

Desde o início da escavação da [0] foi possível verificar a extrema compactidade das terras que se manteve até ao nível de base e que dificultaram a escavação (Fig. 4). Nas terras que envolviam o monólito e também debaixo dele foram observados diversos fenómenos de bioturbação (galerias de aracnídeos e formigueiros).

Apesar destas dificuldades que obrigou a uma maior morosidade dos trabalhos, a continuidade da escavação permitiu identificar a fossa de implantação do menir [4] e alguns dos calces do alvéolo [3], que se encontravam em muito mau estado de conservação (Fig. 5 e 6).

No final dos trabalhos o monumento foi recolocado no alvéolo e reposicionado na vertical; a área do alvéolo foi coberta com rede de obra, sobre a qual se assentou um enrocamento de pedras recolhidas nas imediações de modo a assegurar a estabilidade do monólito; posteriormente o enrocamento foi coberto e colmatado com as terras crivadas provenientes da

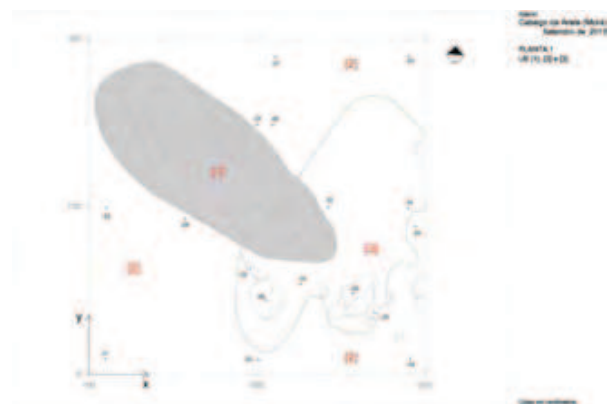


Figura 5 e 6. Fossa de implantação e calces do menir.



Figura 7 e 8. Trabalhos de conservação e restauro do menir.

escavação.

Os deslocamentos do menir durante os trabalhos de escavação e durante a sua reabilitação foram efectuados por meio de cordas e correntes metálicas com protecção de uma manga de borracha (câmara de ar de pneu de tractor agrícola), de forma a evitar qualquer agressão à superfície do menir e tração manual e mecânica (Fig. 7 e 8).

5.1. Unidades Estratigráficas

[0] – Camada superficial. Composta por areias argilosas (complexo gesso-argiloso e conglomerático dos planaltos [Zbysweski e Carvalhosa, 1980, Fl. 36-A Pavia] e extremamente compacta; de tonalidade acinzentada, sem raízes e com pequenos fragmentos de quartzo rolados (entre 5mm e 10mm). Define-se em toda a área intervencionada. Sem materiais arqueológicos.

[1] – Monólito de granito com 1.60mx0.70mx0.45m de dimensões máximas medidas sobre os eixos volumétricos. O menir apresentava, na sua face superior, diversas marcas de arado: testemunhos da afectação antrópica que terá afectado também a parte superior do alvéolo.

[2] – Camada subjacente à [0] constituída por areias argilosas muito compactas de tonalidade acinzentada. É equivalente ao substrato geológico. Sem materiais arqueológicos.

[3] – Terras menos compactas, mais escuras e arenosas do que o que se verificou na [2].

Embalava algumas pedras exógenas ao local. A existência de um maior número de grãos de quartzo nesta unidade parece estar relacionada

com as pedras de granito que se encontram em desagregação; estas pedras terão sido, verosimilmente, calces da estrutura de sustentação do menir. Esta U.E. deverá corresponder ao topo do enchimento do alvéolo, afectado por antropização e bioturbação.

[4] – Fossa do alvéolo escavada no substrato geológico (equivalente à [2]).

[5] – Enchimento do alvéolo (preservado apenas na base e testemunhado nesta U.E.) embebendo, parcialmente, algumas pedras da coroa de sustentação. Muito argilosa, de tonalidade cinzento-escuro, muito compacta e gordurosa. Esta camada não foi totalmente removida.

5.2. Espólio

Em termos de espólio, os dados são muito escassos e incaracterísticos, como se pode verificar pela Tabela 1. Não se recolheu nenhum material orgânico susceptível de ser datado.

Nº	U.E.	Tipo	Material	Dim. máx. (mm)	Observações
1	3	Resto de talhe	Quartzo leitoso	32x20x10	
2	3	Resto de talhe	Quartzo rosado	20x17x7	Córtex
3	3	Bojo	Cerâmica	18x12x5	e.n.p. max. 1mm; muito rolado
4	0	Lasca cortical	Quartzo cinzento esbranquiçado	33x27x10	Córtex rosado
5	0	resto de talhe	Quartzo semi-transparente	12x7x5	
6	0	resto de talhe	Quartzo leitoso	18x13x7	Córtex
7	0	Bojo	Cerâmica	12x7x5	e.n.p. <1mm; muito rolado
8	0	Bojo	Cerâmica	28x20x5	e.n.p. max. 2mm; muito rolado

Tabela 1. Espólio recolhido na intervenção



Figura 9. Menir do Cabeço da Areia – aspeto final após escavação e reabilitação

6. MENIR DO CABEÇO DA AREIA: MAIS UM PASSO EM FRENTE?

Esta intervenção não forneceu dados crono-culturais significativos, devido à típica escassez de espólio deste tipo de monumentos; os materiais recolhidos são poucos e incaracterísticos, não permitindo uma aferição cronológica satisfatória. No entanto, atendendo a estas características e pequena dimensão do mesmo, consideramos que a sua construção terá ocorrido numa fase inicial do Neolítico, provavelmente durante o estabelecimento dos primeiros grupos populacionais nesta área.

Outro dos aspetos positivos foi, sem dúvida, a possibilidade de comprovar que o menir se encontrava *in situ*, com a estrutura de sustentação parcialmente preservada, tal como se supunha antes da intervenção. A observação dos restos da estrutura de sustentação permitiu caracterizar, mais uma vez, o tipo de processos tafonómicos que afectam este tipo de monumentos e estruturas, criando valor no conhecimento científico, sobretudo para enquadrar futuras intervenções em contextos similares, nesta região.

Por último, foi possível reabilitar o monumento e, assim, protegê-lo de trabalhos agrícolas (apesar de atualmente o sítio estar vigiado pelos proprietários). O menir deixou de ser “mais uma pedra no campo” tendo

recuperado a sua identidade na paisagem.

Um outro aspecto que a equipa considerou extremamente positivo foi a possibilidade de conviver com trabalhadores agrícolas que, no início, se mostraram extremamente cépticos em relação à intervenção em curso mas que, no final, puderam constatar que “a pedra” era um monumento milenar e certamente, no futuro, estarão mais atentos a ocorrências semelhantes.

BIBLIOGRAFIA

ALVIM, P. (2009) - *Recintos megalíticos do Ocidente do Alentejo central: arquitectura e paisagem na transição Mesolítico-Neolítico*. Tese de mestrado apresentada à Universidade de Évora. Évora: UÉ (policopiada).

ALVIM, P. e ROCHA, L. (2011) - *Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o megalitismo da área de Brotas (Mora)*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14. Lisboa: IGESPAR. 41-55

CALADO, M. (2000) - *O Recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Évora, Alentejo)*. In Gonçalves, V. S. (ed.) *Muitas antas, pouca gente ? - Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. *Trabalhos de Arqueologia*, 16. Lisboa: IPA. 167-182

CALADO, M., ROCHA, L. e ALVIM, P. (2007) - *Neolitização e Megalitismo: o recinto megalítico das Fontainhas (Mora, Alentejo Central)*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10: 2. Lisboa: IPA. 75-100

CALADO, M; ROCHA, L e ALVIM, P. Coord. (2013) - *O tempo das Pedras*. *Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.

FEIO, M. (1997) - *Os principais tipos de utilização do solo no Alentejo meridional. Evolução de 1885 a 1951*. *Finisterra*. XXXII. 63. Lisboa, 147-158.

GOMES, M. V. (1986) - *O Cromeleque da Herdade de Cuncos (Montemor-o-Novo, Évora)*. *Almansor*. 4. Montemor-o-Novo: CMMN. 7-41

GOMES, M. V. (2002) - *Cromeleque dos Almendres: um monumento sócio-religioso neolítico*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa: FCSH/UTL (policopiada).

GONÇALVES, J. P. (1970) - *Menires de Monsaraz*. *Arqueologia e História*. Vol. II. Lisboa: AAP.151-176

HARRIS, E. C. (1991) - *Princípios de estratigrafia arqueológica*. Madrid: Editorial Critica.

ROCHA, L. (2000) - *O alinhamento da Tera, Pavia (Mora): resultados da 1ª campanha (1996)*. in Gonçalves, V. S. (ed.) *Muitas antas, pouca gente ? - Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. *Trabalhos de Arqueologia*. 16. Lisboa: IPA. 183-194

ROCHA, L. (2003) - *O monumento megalítico do Monte da Tera (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações*. in Gonçalves, V. S. (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. *Trabalhos de Arqueologia*. 25. Lisboa: IPA. 339-349

ROCHA, L. (2005) - *Origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: o contributo de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. Lisboa: FLUL (policopiada).

ⁱ A equipa foi constituída pelos signatários, os arqueólogos Ivo Santos, Gertrudes Branco e Rosário Fernandes e pelos estudantes Catarina Leitão, João Rocha e Marisa Santos. Agradece-se a autorização e colaboração do proprietário, Eng. Joaquim Fernandes em todos os trabalhos de investigação arqueológica em propriedades rurais, sobre as quais tem responsabilidades. Agradece-se o apoio logístico e financeiro da Câmara Municipal em Mora, particularmente ao seu presidente, Eng. Luís Simão.

ROCHA, L. (2009) – Carta Arqueológica de Mora. Relatório final do projecto. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.

ZBYSZEWSKI, G; CARVALHOSA, A. B; FERREIRA, O. da (1980) - Notícia explicativa da Folha 36 - A Pavia. Carta Geológica de Portugal Esc. 1: 50 000. Lisboa: S.G.P.